

## DITO, O NEGRINHO DA FLAUTA: REFLEXÕES NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA E DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

DITO, THE LITTLE BLACK MAN OF THE FLUTE: REFLECTIONS FROM A BAKHTINIAN PERSPECTIVE AND THE EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS

Geane Teodoro Damasceno<sup>1</sup>

Gerda Margit Schütz Foerste<sup>2</sup>

**RESUMO:** Invisibilização ou caracterizações que inferiorizam personagens negros são idiosincrasias presentes na literatura infantojuvenil desde seu advento. Este cenário é influenciado sobretudo por uma estrutura social que coloca os corpos negros como inferiores, o racismo. Este é um problema histórico e social, que pode ser expresso de diversas formas, explícita ou velada, em diversos contextos, como na literatura. Embora nas últimas décadas tenham ocorrido modificações lentas nesse panorama, em especial em relação a meninas negras, ainda há amplo acesso de crianças e adolescentes a obras literárias que inferiorizam pessoas negras. Devido a isso, o interesse do presente artigo é analisar o livro “Dito, o negrinho da flauta”, de Pedro Bloch (1983), disponível a alunos de uma escola particular localizada no município de Vitória, Espírito Santo, cujo personagem principal é Dito, um garoto negro. Identificamos uma construção problemática do personagem, em que lhe são atribuídas caracterizações definidoras de raça, como neguinho, embora não seja escravizado é tratado com um, dentre outras atribuições. O acesso de crianças e adolescentes a obras de conteúdo racista podem perpetuar estereótipos e preconceito, afetando a autoestima e identidade de pessoas negras.

1860

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil. Bakhtin. ERER. Personagens negros. Racismo.

**ABSTRACT:** Invisibilization or characterizations that inferiorize black characters are idiosyncrasies present in children's literature since its advent. This scenario is mainly influenced by a social structure that places black bodies as inferior, racism. This is a historical and social problem, which can be expressed in several ways, explicit or veiled, in various contexts, such as literature. Although in recent decades there have been slow changes in this panorama, especially in relation to black girls, there is still ample access by children and adolescents to literary works that inferiorize black people. Because of this, the interest of this paper is to analyze the book "Dito, o negrinho da flauta" by Pedro Bloch (1983), available to students of a private school located in the city of Vitória, Espírito Santo, whose main character is Dito, a black boy. We identified a problematic construction of the character, in which he is assigned race-defining characterizations, such as neguinho, although he is not enslaved he is treated as one, among other attributions. The access of children and adolescents to works with racist content can perpetuate stereotypes and prejudice, affecting the self-esteem and identity of black people.

**Keywords:** Children's literature. Bakhtin. ERER. Black characters. Racism.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestranda em educação na linha de Pesquisa Educação e Linguagens, do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) - UFES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9505-6407>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9863447235911031>.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), professora na linha de Pesquisa Educação e Linguagens do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) - UFES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6040-5435>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5263258908602198>.

## I. INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil é um importante meio de transmissão de ideias, valores e crenças, podendo ter uma grande influência nas nossas relações sociais e nas percepções que crianças e adolescentes têm de si mesmas e dos outros. A literatura direcionada a esse público começou no início do século XX. Antes disso, a maioria dos textos disponíveis tinham como objetivo a formação moral ou a catequização.

Jovino (2006) salienta que, inicialmente, essas produções não contemplavam personagens negros, que só começaram a surgir em obras nos finais dos anos 1920 e início da década de 1930. A ausência desses personagens nos textos foi uma tentativa de aplicar um modelo de sociedade eurocêntrica, no qual a figura do negro, em um cenário recentemente saído da escravização, seria um atraso para as aspirações de construção de uma nação organizada e em progresso.

Gouvea (2005, p. 84) afirma que “[...] a figura do negro, com seu corpo, suas práticas e sua história, constituiria a presença incômoda da antiga ordem escravocrata, incompatível com o projeto de um país civilizado”. O corpo masculino negro, sobretudo, era considerado potencialmente perigoso para a sociedade e sinônimo de desordem. Ademais, as pessoas negras eram apresentadas nas narrativas em posições de submissão e obediência, sendo descritas como “pretas e pretos velhos”, moravam às margens de grandes cidades e seus costumes e crenças eram tachados de bruxaria ou coisa do diabo.

Geralmente, esses personagens não tinham nomes, apenas apelidos que definem a raça, como negro, negrinho, pretinho, dentre outros. O mesmo acontecia com as características físicas: “[...] enquanto o branco tinha cabeça, o negro carapinho, ou carapinha dura, o branco tinha cabelo e o negro pixaim, o branco possuía lábios e o negro beijo” (GOUVEA, 2005, p. 88), dentre outras. Essa forma de representação reforça estereótipos racistas, direcionando a literatura à posição de grande propagadora de preconceitos, uma vez que naturaliza estereótipos racistas direcionados às pessoas negras. A exposição a histórias que reforçam estereótipos racistas pode incentivar crianças e adolescentes a internalizarem tais conceitos, difundindo uma visão discriminatória contra esse grupo étnico.

De acordo com Zilberman (1987), a partir de 1975, com ênfase nos anos 1980, personagens negras e negros começaram a se apresentar com mais frequência nas obras, visando destacar a representação social do país e a denúncia de temas tabus, como o racismo.

Jovino (2006) explica que tivemos um aumento no número de obras que buscavam romper com as caracterizações estereotipadas desse grupo, de forma que as personagens apareciam em diferentes contextos, seja valorizando a religião ou a tradição oral africana. Neste cenário, as meninas negras eram mais exaltadas, embora ainda tivéssemos representações problemáticas sobre esse gênero, enquanto os meninos eram colocados em demasia em contexto de inferiorização.

Jovino (2006) reflete que nem todas as tentativas de enaltecimento da população negra eram alcançadas, uma vez que, ao mesmo tempo em que algumas obras denunciavam, outras criavam personagens estereotipados que, na verdade, só ajudavam a solidificar os preconceitos nas mentes das pessoas.

Lima (2005) salienta que o modo como os personagens são construídos tem um propósito, sendo, inclusive, influenciado pelas relações sociais. Bakhtin (1997) elucida que as interações humanas se dão por meio da linguagem, conseqüentemente, os textos não podem ser pensados fora das relações sociais, de um determinado contexto cultural. Objetivando compreender como Dito, um menino negro é representado em uma obra direcionada a crianças e adolescentes é que selecionamos a história “Dito, o negrinho da flauta” do acervo de uma biblioteca particular do município de Vitória, Espírito Santo.

A versão analisada do livro está em sua 14<sup>o</sup> edição, mas identificamos versões que chegam à 28<sup>o</sup>, inclusive disponível para compra.<sup>3</sup> Dado o grande número de edições e venda, bem como o acesso de empréstimo aos alunos da escola em questão, podemos inferir que o livro tem um grande alcance de público leitor. A metodologia utilizada foi desenvolvida através da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como referência estudiosas(os) da Educação das relações étnico-raciais (ERER) e literatura infantil e juvenil (ZILBERMAN, 1987; OLIVEIRA, 2003; GOUVEA, 2005; JOVINO, 2006; LIMA, 2005;) e de algumas das concepções de linguagem propostas por Bakhtin (1997, 2006 e 2010), como o dialogismo, polifonia, exotopia, cronotopo e ideologia. Inicialmente, efetuamos contato com a escola onde o estudo foi desenvolvido, explicamos como seria a pesquisa. Após as elucidações recebemos autorização para execução do trabalho. Realizamos na biblioteca da

---

<sup>3</sup> Foi possível encontrar o livro a venda em muitos sites, como Amazon: <https://www.amazon.com.br/Dito-Negrinho-Flauta-Pedro-Bloch/dp/8516007960>, que disponibiliza a 24<sup>o</sup> edição e o Mercado Livre: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-740243942-dito-o-negrinho-da-flauta-pedro-bloch-184-JM>, que dispõe da 28<sup>o</sup> edição.

escola o levantamento de algumas obras com personagens negros, dentre as quais “Dito, o negrinho da flauta” foi uma das escolhidas para análise. Os critérios utilizados para escolha foram: capa, título e temática abordada e se apresentava personagem negro como protagonista.

## 2. LITERATURA E LINGUAGEM: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

A literatura é uma expressão cultural que reflete diversos aspectos da nossa realidade social, política e histórica, de modo que para compreendê-la é fundamental compreender o contexto em que ela foi escrita. Através da literatura é possível produzir e também transmitir culturas e modos de pensar e agir. Lima (2005) reflete que a literatura é um conjunto cultural, que não pode ser visto de forma descontextualizada. Dessa forma, concordamos com Bakhtin ao destacar que é “[...] impossível separá-la do resto da cultura e vinculá-la diretamente (por cima da cultura) a fatores socioeconômicos e outros.” (BAKHTIN, 1997, p. 380), uma vez que a literatura seria parte integrante do todo cultural e social. Dessa forma, para ter uma compreensão mais plena de um texto, é necessário enquadrá-lo numa comunicação discursiva mais ampla, em que, para interpretá-lo, é relevante considerar o contexto no qual foi criado, as intenções do autor e as circunstâncias culturais e linguísticas da época. Assim, seria possível uma compreensão mais aprofundada do texto, considerando vários elementos, como: técnicas linguísticas utilizadas, a interpretação de referências culturais e de acontecimentos históricos.

De acordo com Bakhtin (1997), é crucial estabelecer uma relação entre tempo e espaço para compreender a história e os personagens. O autor denomina essa relação de cronotopo, que é a forma como o escritor organiza o tempo e espaço das narrativas, considerando as relações sociais, culturais e históricas que afetam os personagens. O autor explica que, para que um texto seja plenamente compreendido, somente a leitura do enunciado não é suficiente, é necessário interpretá-lo na totalidade discursivo, assegurando uma compreensão mais aprofundada dos textos. A relação do tempo com o espaço no cronotopo pode permitir ao leitor explorar conceitos novos, além daqueles com os quais já está familiarizado, o que Bakhtin chama de exotopia. Tais ideias podem ter contextos positivos ou negativos, possibilitando sua utilização para questionar posições culturais e ideológicas.

Para o estudioso, o indivíduo não é um ser isolado, mas sim um ser dialógico, ou seja,

é através do diálogo com outras pessoas, na troca de experiências que se constitui. O escritor faz uma crítica à ideia de que o diálogo é isolado, pois, para ele, o diálogo é indispensável na comunicação humana, uma vez que é através dele que os indivíduos se formam.

A interação é afetada por diferentes vozes, por diferentes pontos de vista e perspectivas. Bakhtin (2006) chama esse processo de polifonia, a qual é o encontro de diferentes vozes em um mesmo espaço discursivo, que influenciam e constituem o sujeito. A polifonia é extremamente importante na literatura, pois pode causar diversas emoções, como: humor, tristeza, alegria, ironia, dentre outras. Isso torna o leitor capaz de analisar e ter suas próprias opiniões ideológicas sobre o texto.

Bakhtin (2006) ressalta que os indivíduos que se relacionam em um determinado contexto têm posições e essas posições são determinadas por uma ideologia, de forma que as produções discursivas dos indivíduos não são neutras e nem criadas individuais, mas sim elaboradas socialmente. Para o autor, a ideologia são reflexões, interpretações das realidades sociais, que se expressam por meio das palavras e ações na sociedade.

Dessa forma, a ideologia pode ser manipulada para atender os anseios das classes dominantes e manter as relações de poder. Aos poucos, ela é criada para, por fim, impor ideologias mais estruturadas que condicionam o indivíduo a pensar e agir de determinadas maneiras. As palavras estão carregadas de um conteúdo ideológico.

Dessa forma, ao usarmos uma palavra, estamos enfatizando o significado que queremos dar a ela, que é a representação de uma opinião fixa, uma ação acabada. É importante salientar que, apesar de a ideologia ser socialmente construída, como sendo bom ou mau, cada um é responsável pelas suas ações e pelas suas escolhas.

Na produção dos textos literários, o autor assume uma posição responsiva, porque o escrito por ele está fundado em valores. As obras literárias podem ser baseadas numa perspectiva ideológica que pode manter as formas de pensar e agir hegemônicas, sem que a personagem tenha consciência crítica do contexto social em que está inserida: não tem vida própria, não define os seus próprios rumos, não tem a última palavra sobre si mesma. Bakhtin (2010) mostra que em um texto literário ideal “[...] não importa o que a sua personagem é no mundo, mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma” (BAKHTIN, 2010, p. 48). Assim, cabe ao autor direcionar os rumos dessa personagem, como é construindo, caracterizado, como se desenvolvem as relações

socias, medos, vontades, consciência de si etc. Assim,

[...] enquanto ponto de vista, enquanto concepção de mundo e de si mesma, a personagem requer métodos absolutamente específicos de revelação e caracterização artística. Isto porque o que deve ser revelado e caracterizado não é o ser determinado da personagem, não é a sua imagem rígida, mas o resultado definitivo de sua consciência e autoconsciência, em suma, a última palavra da personagem sobre si mesma e sobre seu mundo (BAKHTIN, 2010, p. 48)

Tal visão da personagem pode refletir em nosso mundo real, ainda que o texto seja uma narrativa ficcional, já que o escrito pelo autor, será lido por outras pessoas, e o que está imbricado nos escritos, pode determinar posicionamentos de quem o lê, seja de forma positiva ou negativa.

É preciso ter cautela ao adquirir livros com conteúdo racista nas escolas públicas e particulares, uma vez que o uso dos materiais didáticos pode ter um grande impacto na vida de crianças e jovens: “[...] leitura e escrita, portanto, são, também, operadores da esperança de transformação da sociedade. Nesse sentido, leitura e escrita, ainda que não sejam habilidades simples, mudam o mundo graças ao poder transformador da palavra” (NETTO; TAUFER; CÔRTEZ, 2022, p. 1). Debus (2018) reflete:

[...] A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são os seus. Desse modo, ele experienciava um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar o seu viver. Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, ou a existência de escritores oriundos de diferentes contextos permite uma visão ampliada de mundo. (DEBUS, 2018, p.26).

É crucial compreender que o racismo está arraigado no nosso modo de viver, podendo ser refletido nas obras literárias. Sendo assim, é importante que as escolas e os educadores sejam cuidadosos com os textos que utilizam em sala de aula para não contribuírem para a perpetuação de estereótipos e preconceitos. É uma responsabilidade e também uma obrigação, conforme a Lei 10.639/2003, promover uma educação antirracista nas escolas, onde a diversidade étnico-racial e a cultura africana e afro-brasileira sejam abordadas de forma positiva, através da literatura e da arte, para ensinar aos estudantes como reconhecer e combater o racismo.

Debus (2018) enfatiza a necessidade de uma postura equilibrada e otimista em relação às diversas culturas, para que as crianças e jovens negras se sintam representadas e os brancos entendam que o mundo não é somente de brancos. Todos os leitores precisam ser

contemplados. *Candido* (1989) reflete que a leitura literária é indispensável à nossa humanização, imaginação e o modo de enxergar o mundo:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza (CANDIDO, 1989, p. 122).

Bakhtin (2010) enfatiza que é preciso ter um limite do que falamos do outro, buscando compreender os posicionamentos e dialogar com esse outro, o nosso próprio pensamento. Para ele, a obra não deve existir dentro de limites, não sendo subordinada aos acontecimentos históricos.

Nessa perspectiva, um texto produzido em um contexto marcadamente racista e escravista, não tem a obrigação de trazer personagens negros de modos estereotipados e inferiorizados, por exemplo. Essa é uma escolha, um posicionamento assumido pelo autor e, apesar de sermos constituídos socialmente, em um contexto que pode influenciar as nossas escolhas, seja positivamente ou negativamente, ele deve responder por suas ações.

### 3. DITO, O NEGRINHO DA FLAUTA: ANÁLISE DA OBRA

Inicialmente, apresentaremos a sinopse da obra analisada e, posteriormente, a análise. Dito é um menino negro de 13 anos. Descrito como sofredor, é frequentemente maltratado e explorado, além de dar sorte para todo mundo, menos para si mesmo. Sem pai nem mãe, vive na fazenda de Dona Laura e Dr. Alberto. O menino tem uma namorada chamada na história de Bidu. Ele tem o sonho de ter uma flauta, pois tem aptidão com este instrumento. O garoto passa por diversas situações de opressão, humilhação, tendo sua vida marcada por recomeços. Ao final da história, depois de muito sofrimento, consegue o instrumento que tanto almejava.

Ao analisar a construção do personagem Dito, percebe-se que, com frequência, sua imagem está relacionada à sujeira. Lima (2005) mostra comum no plano literário essa associação, mas alguns autores tentam romper com isso, mas não é o caso da obra de Bloch (1983). Apesar de não ser escravizado, Dito tem o modo de vida condizente com essa condição, pois era repetidamente humilhado, punido e vivia em um local bem distante: “A casa ficava lá no deus-me-livre da casa grande” (BLOCH, 1983, p. 16).

O cronotopo é apresentado no texto com a descrição do local onde o menino vive, isolado de todos, nesse contexto é tratado como escravizado, embora a história se passe depois da abolição da escravatura. Esse cronotopo é fundamental para compreender a história e retratar a ausência de laços afetivos entre dito e os donos da casa grande, pois no período de escravização não havia laços afetivos entre senhores e escravos, era uma relação de poder em que negros eram tratados sob a ótica animalesca e o local de moradia dessas pessoas era extremamente afastado da casa grande.

A utilização de termos depreciativos é muito frequente ao se referir ao personagem, como “negro ingrato”, sendo também tratado com descaso e ridicularizado por meio de comparações, onde é mostrado como um lixo encontrado na rua: “Não se pode mais nem andar nesta cidade sem encontrar porcaria atravancando o caminho. Um inferno! Um lixo!” (BLOCH, 1983, p. 15). Em vários instantes, o garoto era motivo de chacota pelo jeito de se expressar e zombado por sonhar em ter uma flauta.

Oliveira (2003) explica que a capacidade das pessoas negras é, muitas vezes, questionada, como se não fossem capazes de executar tarefas diferentes. Quando as pessoas escutam Dito tocar uma flauta pela primeira vez, por exemplo, seu talento é associado a bruxaria, a coisa do Diabo: “[...] -Esse moleque tem mais é coisa com o tihoso. Lá isso tem! -É feitiço -resumiu dona Mariana, a cozinheira” (BLOCH, 1983, p. 7).

Percebe-se que, diferentemente do que Bakhtin (2010) propõe para um texto literário “ideal”, o personagem Dito tem desde o início da história sua vida traçada, não sendo passível de mudanças. O escritor optou por caracterizar e determinar os rumos da personagem, numa trajetória sem retorno, onde só há espaço para a dor, numa realidade em que Dito não questiona, em nenhum momento, a sua situação, apenas a aceita sem reagir, sem perceber a maldade nas ações das pessoas. A ingenuidade de Dito é algo cíclico na obra.

Debus (2017) ressalta ser recorrente personagens negros descritos como ingênuos ou obedientes aos brancos. Lima (2005) explica que, sobretudo nos anos 1980, a figura do sofredor se naturalizou, fazendo com que esse tipo de literatura se tornasse uma violência simbólica, na qual a inferiorização dos negros é tratada como algo normal. A forma como a personagem é criada contribui para um modo de pensar dominante, carregado de uma ideologia em que o negro precisa ser visto, mostrado como sofredor, não lhe cabendo outro papel.

Em diversos momentos, Dito é retratado como perigoso e vagabundo “Vai trabalhar, vagabundo! Menino forte desse jeito!! Tome vergonha na cara, viu?” (BLOCH, 1983, p. 13). Além de tudo, em uma das raras ocasiões em que o personagem tenta se defender das humilhações sofridas, é descrito como um monstro: “Benedito muda de cara, como aqueles monstros da televisão quando berram por vingança” (BLOCH, 1983, p. 31). Essa frase é atribuída a um contexto cultural em que uma pessoa, ao se posicionar de forma brava e descontente, é vista como monstruosa, raivosa, um ponto de vista influenciado inclusive pelos meios de comunicação, conforme notório no trecho citado.

Dito não tem família. Ele foi encontrado embrulhado por Dona Laura e o Dr. Roberto, mas nunca houve vínculos afetivos entre eles. Sendo assim, o menino era tratado como um escravizado, como já mencionado anteriormente. Ainda assim, o jovem conseguiu estabelecer relações com Bidu, sua companheira, e com Meirelles, que o ajudou e o adotou no final da trama. No entanto, como ocorre em diversas outras histórias, apesar de ajudar Dito, Meirelles assume o papel de um branco bondoso salvador, e o menino é o negro, pobre e sofrido que precisa ser salvo por um branco "herói".

A polifonia surge em vários trechos da história, despertando diferentes sentimentos no leitor, como revolta e tristeza. Ao longo da leitura, o direito do garoto de sonhar é questionado e dificultado: “Pois Benedito tinha um sonho. Sonho bem, não. Sonho é para gente importante. Sonho é para doutor. Sonhinho. Sonhinhozinho” (BLOCH, 1983, p. 4). A obra de Bloch (1983) é caracterizada pelo sofrimento, tendo poucos momentos de alegria. A maior alegria de Dito na história é quando ele ganha um flauta de presente, mas essa situação parece inexistente diante da necessidade do autor de tratar o personagem como ingênuo, uma vez que, diversas vezes, sem acreditar no que estava acontecendo, o menino questiona se o presente era realmente para ele: “[...] -Pra... pra mim?/-Virgem! Pra mim.../-Minha... minha? (BLOCH, 1983, p.43).

Identificamos a presença do cronotopo e da polifonia no trecho

[...] o chicote estalou como se Princesa Isabel nem tivesse existido, como se ainda fosse tempo de escravo. A maldade doeu mais do que a chicotada no lombo. Dito não tentou fugir. Aguentou firme. Chicotada veio atrás de chicotada” (BLOCH, 1983, p. 32).

Há o resgate de elementos da história, como a abolição da escravização e, ao mesmo tempo, a crítica a esse processo, pois, Dito embora não fosse escravizado era tratado como

um. Nessa perspectiva, Xavier (2018) explica: “[...] Naturalizou-se no Brasil a “desumanização” dos descendentes de africanos, em todos os níveis e dimensões sociais. Estabeleceu-se o lugar dos afrodescendentes na sociedade: na periferia das periferias reais e imaginárias. (XAVIER, 2018, n. p.). A polifonia é caracterizada pelo sentimento de revolta que o leitor pode sentir ao ler este trecho da história, despertando diversos sentimentos e emoções.

Considerando as concepções de Bakhtin (2006, 2010), é perceptível que ao escrever o texto sem se preocupar com o uso de termo racistas e situações de inferiorização do negro, Bloch (1983) assume um posicionamento ideológico passível de críticas. Há nessa exotopia do texto uma naturalização do racismo e propagação de uma visão ideológica eurocêntrica de inferiorização dos negros.

Embora tal modo de pensar seja construído socialmente, o autor fez uma escolha e é responsável por ela, já que durante toda a história o personagem é coisificado e construído a partir de uma visão racista que a sociedade tem da população negra. A construção do personagem é contraditória a descrição de Pedro Bloch como escutador das crianças, conforme destaca Rodrigues (2018):

[...] em geral estes são livros pequenos e de leitura ágil e divertida e observando suas capas, vemos representações de crianças e do próprio Pedro Bloch, em fotos ou desenhos, indicando que ali estamos diante do resultado de um trabalho com humor envolvendo a participação direta da meninada em conjunto com seu escutador adulto Pedro Bloch” (RODRIGUES, 2018, p. 115).

Nessa perspectiva, é válido questionar: de quais crianças Bloch era escutador? Podemos inferir que de crianças brancas, pois, a obra “Dito, o negrinho da flauta” não valoriza as crianças e adolescentes negros. Há exacerbada inferiorização desse grupo, visto que desde o início da história é reservado a Dito a posição de sofredor. O autor, ao longo da narrativa, reproduz expressões e frases de teor preconceituoso e racista.

O autor constrói o personagem Dito a sua revelia, ele não tem palavra, o autor decide a vida dele, para estar moldado a uma lógica social marcadamente estereotipada. Conforme expõe Bakhtin, a linguagem é um meio de comunicação essencial nas relações sociais, seja ela oral ou escrita. Através dela sentimentos, emoções e pontos de vista são expressos. A obra de Bloch é de 1983, um contexto social ainda muito racista, como ainda é hoje, mas que, aos poucos, no campo literário já vislumbra mudanças na representação de personagens

negros. Contudo, a caracterização de Dito contrasta com as explicações de Jovino (2006) e Oliveira (2003) de que tais mudanças enfatizavam mais as meninas, além disso, alguns autores que buscavam denunciar o racismo através de suas histórias, por vezes acabavam por reproduzi-lo.

O entendimento de que a linguagem, nossas escolhas ideológicas são moldadas pelo nosso contexto social são muito importantes, porém, não deve servir para eximir o autor de sua responsabilidade de escolha, visto que, frequentemente, discursos racistas são moldados pela sociedade, e da mesma forma que ele é disseminado, também pode ser combatido, visto que envolve a produção e reprodução de discursos que afirmam a superioridade de pessoas brancas e a marginalização das negras. Os discursos racistas são elaborados em contextos específicos, como na escola, e refletem as perspectivas e intenções do falante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra "Dito, o negrinho da flauta", a partir das reflexões de Bakhtin e da ERER, percebe-se que os textos literários não são neutros, eles exercem influência em nosso imaginário, podendo assumir diversas percepções. Ao se posicionar, também devemos pensar sobre o outro e o que implica em determinadas escolhas, como, por exemplo, a construção de personagens com características racistas e estereotipadas.

1870

O modo como o autor cria o personagem Dito é questionável, uma vez que pode ajudar a manter a ideia de que os negros são inferiores aos brancos. Sendo assim, ao escrever um texto literário, é preciso que o autor se sinta no lugar do outro, de forma dialógica, compreendendo a posição do outro, para, então, tomar a sua posição, de forma não violenta, ou seja, que não desqualifique o contexto dos sujeitos.

Na obra de Bloch (1983), o garoto é apresentado sob uma perspectiva que revela estereótipos racistas da ótica branca dominante e eurocêntrica, em que o negro é tratado como um objeto da literatura para reforçar os preconceitos raciais. Embora seja um livro da década de 1980, ainda está presente na escola em que a pesquisa foi realizada e, possivelmente, também pode estar em outras instituições de ensino, permitindo que estudantes negros e brancos tenham acesso a um conteúdo que retrata o negro com tamanha inferiorização e crueldade. Os conceitos bakhtiniano de dialogismo, polifonia, cronotopo, exotopia e ideologia, nos permitem refletir sobre as escolhas do autor ao escrever a obra,

bem como a influência do contexto histórico no texto. Destacamos ser preocupante o fato que uma história em que o jovem negro recebe tantas caracterizações inferiores e depreciativas ainda tenha grande alcance de edições e esteja disponível em uma biblioteca para que crianças e jovens tenham acesso.

A escola é um dos principais lugares de perpetuação do racismo, porém, ela também pode ser um importante local de combate. Através da literatura, assim como é possível construir estereótipos, também há formas de desconstrução. Cabe as instituições de ensino promover a valorização da diversidade étnica e cultural do nosso país, incluindo no currículo leituras que valorizem a população negra, apresentando uma visão de mundo diferente da que está enraizada na sociedade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BLOCH, Pedro. Dito, o negrinho da flauta. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: **A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E...** Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

FAVERO NETTO, D.; LOCATELLI TAUFER , A.; FELIPE RIBEIRO DE ARAÚJO CÔRTEZ , C. Apresentação da Temática Especial 2: &quot;Desafios e possibilidades de mediar a leitura e a escrita na educação básica: perspectivas em diálogo&quot;. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 35, 2022. DOI: 10.22456/2595-4377.129043. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/129043>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. Cortez Editora. Edição do Kindle, 2018.

GOUVEA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan. /abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/ao6v31n1.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2020.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs. **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural dos Palmares, 2006.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

RODRIGUES, Camila. Pedro Bloch: um escutador da graça das crianças. **Childhood & philosophy**, rio de janeiro, v. 14, n. 29, jan.-abr. 2018

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. Escravidão [388] + Abolição [130] = Desumanização Negra [518]: Disputa do capital cultural na sociedade brasileira. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/32407/escravidao-388abolicao130desumanizacao-negra-518>. Acesso em 28 de março de 2023.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 7. ed. São Paulo: Global, 1987